As armadilhas do chamado sistema democrático da principal potência política, econômica e militar do mundo: os Estados Unidos sob a perspectiva da Equidade Sustentável em Saúde

Las trampas del llamado sistema democrático de la principal potencia política, económica y militar del mundo: Estados Unidos desde la perspectiva de la equidad sostenible en salud

The pitfalls of the so-called democratic system of the world's leading political, economic, and military power: the United States from the perspective of Sustainable Equity in Health

Juan Garay

Resumo: A democracia é comumente definida como um sistema de governo baseado na soberania popular, na participação política, em eleições livres e justas, nos direitos fundamentais, no Estado de Direito e na prestação de contas à sociedade. No entanto, esses princípios institucionais não garantem necessariamente igualdade de oportunidades para influenciar as decisões políticas, acesso equitativo às condições necessárias à dignidade humana ou responsabilização pelas consequências do exercício do poder nacional para além das fronteiras territoriais. Este artigo examina os Estados Unidos, a principal potência militar do mundo e um dos seus mais importantes atores políticos, econômicos e financeiros, à luz do referencial da Equidade Sustentável em Saúde. Analisa as contradições entre a igualdade política formal e as desigualdades na capacidade efetiva de influência, decorrentes do financiamento de campanhas eleitorais, da concentração de riqueza, das estruturas partidárias, do acesso às candidaturas, da comunicação política e da participação eleitoral. Em seguida, aborda a relação entre desigualdade econômica, gastos com saúde e saúde da população, recorrendo a comparações com o Japão, a Grécia e o Sri Lanka. Por fim, examina as consequências internacionais do poder dos Estados Unidos, considerando os gastos militares, o Conselho de Segurança das Nações Unidas, as sanções econômicas, a política comercial, o papel internacional do dólar e as infraestruturas de informação financeira. O artigo situa-se no contexto posterior às eleições legislativas de meio de mandato dos Estados Unidos, realizadas em novembro de 2026, nas quais os democratas conquistaram o controle das duas casas do Congresso. Esse resultado demonstra que a competição eleitoral continua sendo capaz de impor responsabilização política. No entanto, a alternância no controle do Poder Legislativo não necessariamente transforma a distribuição estrutural da influência política e econômica. Uma das principais contribuições do artigo é a proposta de uma Democracia de Equidade Sustentável, fundamentada em princípios éticos de igual valor de todos os seres humanos, justiça, bem comum, dignidade mínima, participação equitativa, solidariedade, responsabilização, responsabilidade intergeracional e respeito aos limites planetários. A discussão filosófica recorre à concepção platônica de bem comum, reconhecendo, ao mesmo tempo, as limitações históricas de seu modelo político. A ciência planetária contemporânea acrescenta um imperativo ético: o Planetary Health Check de 2026 informa que sete dos nove limites planetários já foram ultrapassados. O artigo argumenta que a democracia não pode ser avaliada

adequadamente apenas com base nos procedimentos eleitorais e nos direitos constitucionais. Sua legitimidade substantiva também deve ser avaliada de acordo com a justiça na distribuição do poder, dos recursos, das oportunidades de saúde e das responsabilidades ecológicas, bem como com sua capacidade de proteger a dignidade e a liberdade das gerações presentes e futuras.

Palavras-chave: Equidade Sustentável em Saúde; democracia; representação política; desigualdade econômica; Estados Unidos; determinantes sociais da saúde; governança global; limites planetários; ética política; equidade em saúde.

Resumen: *La democracia se define comúnmente como un sistema de gobierno basado en la soberanía popular, la participación política, las elecciones libres y justas, los derechos fundamentales, el Estado de derecho y la rendición de cuentas ante la sociedad. Sin embargo, estos principios institucionales no garantizan necesariamente la igualdad de oportunidades para influir en las decisiones políticas, el acceso equitativo a las condiciones necesarias para la dignidad humana ni la rendición de cuentas por las consecuencias del ejercicio del poder nacional más allá de las fronteras territoriales. Este artículo analiza a Estados Unidos, la principal potencia militar del mundo y uno de sus actores políticos, económicos y financieros más importantes, a la luz del marco de referencia de la Equidad Sostenible en Salud. Analiza las contradicciones entre la igualdad política formal y las desigualdades en la capacidad efectiva de influencia, derivadas del financiamiento de las campañas electorales, la concentración de la riqueza, las estructuras partidarias, el acceso a las candidaturas, la comunicación política y la participación electoral. A continuación, aborda la relación entre la desigualdad económica, el gasto en salud y la salud de la población, recurriendo a comparaciones con Japón, Grecia y Sri Lanka. Por último, examina las consecuencias internacionales del poder de Estados Unidos, tomando en cuenta el gasto militar, el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas, las sanciones económicas, la política comercial, el papel internacional del dólar y las infraestructuras de información financiera. El artículo se sitúa en el contexto posterior a las elecciones legislativas de mitad de mandato de Estados Unidos, celebradas en noviembre de 2026, en las que los demócratas obtuvieron el control de ambas cámaras del Congreso. Este resultado demuestra que la competencia electoral sigue siendo capaz de imponer la rendición de cuentas política. Sin embargo, la alternancia en el control del Poder Legislativo no transforma necesariamente la distribución estructural de la influencia política y económica. Una de las principales contribuciones del artículo es la propuesta de una «Democracia de Equidad Sostenible», basada en principios éticos como la igualdad de valor de todos los seres humanos, la justicia, el bien común, la dignidad mínima, la participación equitativa, la solidaridad, la rendición de cuentas, la responsabilidad intergeneracional y el respeto a los límites planetarios. La discusión filosófica recurre a la concepción platónica del bien común, reconociendo, al mismo tiempo, las limitaciones históricas de su modelo político. La ciencia planetaria contemporánea añade un imperativo ético: el Planetary Health Check de 2026 indica que ya se han rebasado siete de los nueve límites planetarios. El artículo sostiene que la democracia no puede evaluarse adecuadamente basándose únicamente en los procedimientos electorales y los derechos constitucionales. Su legitimidad sustantiva también debe evaluarse en función de la justicia en la distribución del poder, los recursos, las oportunidades de salud y las responsabilidades ecológicas, así como de su capacidad para proteger la dignidad y la libertad de las generaciones presentes y futuras.*

***Palabras clave**: Equidad sostenible en salud; democracia; representación política; desigualdad económica; Estados Unidos; determinantes sociales de la salud; gobernanza global; límites planetarios; ética política; equidad en salud.*

***Abstract:** Democracy is commonly defined as a system of government based on popular sovereignty, political participation, free and fair elections, fundamental rights, the rule of law, and accountability to society. However, these institutional principles do not necessarily guarantee equal opportunities to influence political decisions, equitable access to the conditions necessary for human dignity, or accountability for the consequences of the exercise of national power beyond territorial borders. This article examines the United States—the world's leading military power and one of its most important political, economic, and financial actors—in light of the framework of Sustainable Health Equity. It analyzes the contradictions between formal political equality and inequalities in effective capacity to influence, stemming from campaign finance, the concentration of wealth, party structures, access to candidacy, political communication, and voter turnout. It then addresses the relationship between economic inequality, health care spending, and public health, drawing on comparisons with Japan, Greece, and Sri Lanka. Finally, it examines the international consequences of U.S. power, considering military spending, the United Nations Security Council, economic sanctions, trade policy, the international role of the dollar, and financial information infrastructures. The article is set against the backdrop of the U.S. midterm congressional elections held in November 2026, in which the Democrats won control of both houses of Congress. This result demonstrates that electoral competition remains capable of enforcing political accountability. However, a shift in control of the legislative branch does not necessarily transform the structural distribution of political and economic influence. One of the article's main contributions is the proposal for a Sustainable Equity Democracy, grounded in ethical principles of the equal value of all human beings, justice, the common good, minimum dignity, equitable participation, solidarity, accountability, intergenerational responsibility, and respect for planetary boundaries. The philosophical discussion draws on the Platonic conception of the common good, while acknowledging the historical limitations of his political model. Contemporary planetary science adds an ethical imperative: the 2026 Planetary Health Check reports that seven of the nine planetary boundaries have already been exceeded. The article argues that democracy cannot be adequately assessed solely on the basis of electoral procedures and constitutional rights. Its substantive legitimacy must also be evaluated in terms of the fairness of the distribution of power, resources, health opportunities, and ecological responsibilities, as well as its ability to protect the dignity and freedom of present and future generations.*

***Keywords:** Sustainable Health Equity; democracy; political representation; economic inequality; United States; social determinants of health; global governance; planetary boundaries; political ethics; health equity.*

1. Introdução: o que deve significar democracia no século XXI?

A democracia é um dos ideais políticos mais influentes das sociedades modernas. Sua legitimidade repousa no princípio de que a autoridade política emana do povo, e não de privilégios hereditários, de um poder imposto ou do exercício arbitrário do poder por indivíduos e instituições.

Em sua forma constitucional contemporânea, a democracia é geralmente associada à soberania popular, ao sufrágio universal e igualitário, a eleições livres e justas, ao pluralismo político, à liberdade de expressão e de associação, ao Estado de Direito, à proteção dos direitos fundamentais e à responsabilização das autoridades públicas. Esses princípios são indispensáveis. Sem eles, a capacidade dos cidadãos de exercer sua autonomia política, contestar o poder e influenciar as decisões coletivas fica severamente limitada.

No entanto, permanece uma questão essencial: essas garantias institucionais são suficientes para tornar uma sociedade verdadeiramente democrática?

O princípio de um voto por pessoa estabelece a igualdade política formal nas urnas. Mas não estabelece necessariamente igualdade na capacidade de influenciar quais candidatos chegam a estar disponíveis para escolha, quais temas predominam no debate público, quais interesses moldam a legislação ou quais grupos se beneficiam das políticas públicas. Tampouco garante que todas as pessoas disponham de educação, segurança, saúde, tempo, informação e recursos materiais necessários para exercer seus direitos políticos de maneira efetiva.

Uma pessoa que vive em situação de pobreza, com emprego precário, moradia inadequada, problemas de saúde ou acesso limitado a informações confiáveis — ou sem capacidade de analisar criticamente informações não confiáveis — pode, formalmente, usufruir dos mesmos direitos políticos que um bilionário, um executivo de uma grande empresa ou um importante financiador de campanhas eleitorais. No entanto, sua capacidade prática de influenciar as decisões públicas pode ser profundamente diferente.

Essa distinção entre igualdade formal e igualdade substantiva é fundamental para compreender as limitações da democracia eleitoral contemporânea.

Outra limitação surge quando a democracia é considerada apenas dentro das fronteiras nacionais. As decisões tomadas por governos poderosos podem afetar profundamente pessoas que vivem em outros países e que não dispõem de voto, representação ou mecanismos diretos de responsabilização nas instituições que tomam essas decisões. Intervenções militares, sanções econômicas, restrições comerciais, políticas financeiras e acordos institucionais internacionais podem influenciar a disponibilidade de alimentos, medicamentos, empregos, receitas públicas e serviços essenciais em sociedades cujas populações não têm voz direta nas decisões em questão.

A questão democrática, portanto, vai além da relação entre os governos e seus próprios cidadãos. Ela também diz respeito à responsabilização dos Estados e das instituições poderosas perante as pessoas afetadas por suas ações no plano internacional.

1.1. Em direção a uma definição substantiva e equitativa de democracia

Para os fins deste artigo, entende-se democracia como: *Um sistema de autogoverno coletivo no qual todas as pessoas têm direitos políticos iguais e oportunidades efetivas de participar, influenciar e exigir a responsabilização pelas decisões que afetam suas vidas, no âmbito de instituições que protejam as liberdades fundamentais, assegurem a distribuição equitativa do poder e dos recursos e preservem as condições sociais e ecológicas necessárias para que as gerações presentes e futuras vivam com dignidade.*

Trata-se de uma definição normativa proposta para fins de análise, e não da afirmação de que o direito internacional ou as teorias democráticas existentes tenham adotado uma formulação única equivalente.

Essa definição preserva os fundamentos institucionais essenciais da democracia, ao mesmo tempo que amplia os critérios de sua avaliação para incluir as condições necessárias à sua concretização na prática.

Dessa definição decorrem cinco dimensões interligadas:

1. **Igualdade política:** direitos iguais de votar, candidatar-se a cargos eletivos, organizar-se, expressar opiniões e participar das decisões públicas, sem discriminação ou obstáculos indevidos.
2. **Equidade na capacidade efetiva de influência:** mecanismos de proteção contra a conversão desproporcional da riqueza, dos privilégios institucionais, do poder corporativo ou do controle dos meios de comunicação em influência política.
3. **Equidade em dignidade e oportunidades:** acesso às condições materiais, educacionais, sociais e de saúde que permitam às pessoas exercer suas liberdades e participar da sociedade em condições de igualdade.
4. **Responsabilização para além das fronteiras nacionais:** responsabilidade pelas consequências de decisões nacionais e internacionais que afetam populações que podem não estar representadas nas instituições que as tomam.
5. **Responsabilidade intergeracional e ecológica:** proteção dos sistemas ambientais e dos recursos compartilhados dos quais dependem a saúde, a liberdade e a dignidade das gerações presentes e futuras.

Essas dimensões não pressupõem que todas as pessoas devam ter a mesma renda, opiniões políticas idênticas ou condições sociais iguais. Exigem, porém, que as diferenças de riqueza e status não se transformem em instrumentos por meio dos quais algumas pessoas adquiram controle desproporcional sobre as decisões coletivas ou privem outras das condições necessárias a uma vida digna.

Nessa concepção mais abrangente, a democracia não se resume ao direito de escolher quem governa. Ela também compreende a capacidade de influenciar as ações dos governos, a distribuição equitativa dos benefícios e dos ônus das decisões públicas e a responsabilização daqueles que exercem o poder perante todas as pessoas afetadas por suas decisões.

1.2. Por que a Equidade Sustentável em Saúde é central para a democracia

A equidade em saúde oferece uma perspectiva particularmente relevante para avaliar a qualidade substantiva dos sistemas democráticos.

A saúde, aspiração mais valorizada por todas as culturas e em todas as épocas, não é determinada exclusivamente pelos serviços médicos ou pelo comportamento individual. Ela é moldada pelas condições em que as pessoas nascem, crescem, aprendem, trabalham, vivem e envelhecem, bem como pelo acesso que têm ao poder, ao dinheiro e aos recursos. O trabalho da Organização Mundial da Saúde sobre os determinantes sociais da equidade em saúde reforça a importância dessas condições estruturais na produção de diferenças evitáveis e injustas nos níveis de saúde e na expectativa de vida.

As instituições políticas influenciam esses determinantes por meio de decisões relativas à tributação, ao emprego, à educação, à moradia, à proteção social, à assistência à saúde, aos sistemas alimentares, à regulação ambiental, ao investimento público e às relações internacionais.

Consequentemente, a distribuição da influência política pode se tornar um determinante da distribuição das condições de saúde.

O referencial da Equidade Sustentável em Saúde articula essas relações a uma concepção mais ampla de desenvolvimento humano. Ele questiona se as sociedades oferecem os recursos e as condições necessários para que todas as pessoas vivam com dignidade, se os benefícios do desenvolvimento são distribuídos de forma equitativa e se a acumulação e o consumo excessivos comprometem os direitos de outras pessoas ou os fundamentos ecológicos da vida, devendo, portanto, ser limitados.

Essa perspectiva questiona a premissa de que o crescimento econômico, a riqueza nacional ou o poderio militar sejam indicadores suficientes de progresso social. Um país pode dispor de imensos recursos financeiros e tecnológicos e, ao mesmo tempo, manter profundas desigualdades no acesso à assistência à saúde, à moradia, à educação e à influência política.

Da mesma forma, um país pode exercer considerável poder internacional e utilizá-lo de maneiras que restrinjam as escolhas econômicas, a autonomia política ou as oportunidades de saúde de outras populações.

A Equidade Sustentável em Saúde, portanto, introduz uma questão fundamental na avaliação da democracia:

Em que medida o sistema político transforma os recursos coletivos e o poder de decisão em oportunidades equitativas de saúde, dignidade, participação e bem-estar sustentável?

1.3. Os Estados Unidos como estudo de caso após as eleições legislativas de meio de mandato de 2026

Os Estados Unidos constituem um caso particularmente relevante para esta análise.

O país possui um sistema eleitoral competitivo, garantias constitucionais, uma sociedade civil expressiva, instituições de comunicação poderosas e mecanismos de fiscalização pública e contestação política. Essas características são importantes e devem ser reconhecidas.

Ao mesmo tempo, o país é a principal potência militar do mundo, uma das maiores economias globais, um ator central nos mercados financeiros internacionais e um dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com poder de veto. Suas decisões internas e internacionais têm, portanto, consequências que ultrapassam em muito suas fronteiras nacionais.

As eleições legislativas de meio de mandato, realizadas em 3 de novembro de 2026, oferecem um contexto oportuno para examinar essas questões. O resultado divulgado foi uma expressiva vitória democrata, com a conquista do controle das duas casas do Congresso. Os democratas conquistaram pelo menos sete cadeiras adicionais no Senado e mais de duas dezenas de distritos eleitorais na Câmara dos Representantes, estabelecendo um novo contrapeso legislativo ao governo do presidente Donald Trump.

A Associated Press informou que a insatisfação dos eleitores com o custo de vida, a inflação, a guerra no Irã e as preocupações com a corrupção contribuíram para o contexto eleitoral. Esses fatores devem ser considerados explicações divulgadas e resultados de pesquisas, e não uma explicação causal completa das decisões individuais de voto.

As estimativas preliminares de comparecimento às urnas indicaram aproximadamente 124,3 milhões de votos, demonstrando uma mobilização eleitoral expressiva em comparação com anos anteriores, embora isso correspondesse a apenas cerca de 50% dos adultos com direito a voto. Na época da elaboração deste manuscrito, os números definitivos de comparecimento e os resultados de algumas disputas eleitorais ainda dependiam dos procedimentos habituais de apuração e certificação.

As eleições demonstram que a competição eleitoral pode oferecer um mecanismo efetivo para que os cidadãos expressem sua insatisfação e alterem a correlação de forças nas instituições. No entanto, uma mudança no controle do Poder Legislativo não necessariamente transforma as desigualdades estruturais relacionadas ao financiamento político, à concentração econômica, ao acesso aos tomadores de decisão ou ao exercício do poder internacional.

A questão central, portanto, não é simplesmente qual partido vence as eleições, mas se as instituições e políticas que delas decorrem contribuem para uma participação política mais equitativa, para a dignidade humana, para a saúde e para a sustentabilidade ecológica.

1.4. Objetivo e questões de pesquisa

O artigo aborda cinco questões principais:

1. Em que medida o sistema eleitoral e partidário dos Estados Unidos oferece oportunidades equitativas para que os cidadãos influenciem as decisões políticas?
2. Como a concentração econômica e o acesso desigual aos recursos políticos afetam a representação e a responsabilização pública?
3. O que as comparações entre gastos com saúde e expectativa de vida revelam sobre a relação entre riqueza nacional e bem-estar da população?
4. De que maneira o exercício do poder político, militar, econômico e financeiro dos Estados Unidos no cenário internacional afeta a autonomia, o desenvolvimento e as oportunidades de saúde de outras populações?
5. Quais princípios éticos e dimensões mensuráveis seriam necessários para avaliar e fortalecer a democracia a partir do referencial da Equidade Sustentável em Saúde?

A hipótese central é que a democracia eleitoral permanece incompleta quando a igualdade política formal coexiste com profundas desigualdades na capacidade efetiva de influência, nas condições materiais necessárias a uma vida digna e na possibilidade de participar da definição de decisões que afetam o bem-estar humano e planetário.

2. Fundamentos éticos da Democracia de Equidade Sustentável

Uma concepção substantiva de democracia exige fundamentos éticos. Sem princípios explícitos, a equidade pode se tornar uma aspiração vaga, enquanto os indicadores podem medir o desempenho institucional sem esclarecer os valores a partir dos quais esse desempenho deve ser avaliado.

O referencial proposto para a Democracia de Equidade Sustentável fundamenta-se em oito princípios éticos que se reforçam mutuamente.

2.1. Igual valor moral e igual consideração política

Todo ser humano possui igual valor moral. As instituições políticas devem, portanto, reconhecer que todas as pessoas merecem igual consideração, proteção e oportunidades de participar das decisões coletivas.

Esse princípio não se satisfaz apenas com a concessão formal do direito ao voto. Exige que as instituições impeçam que a riqueza, a posição social, o gênero, a etnia, a deficiência, as oportunidades educacionais ou outras circunstâncias se transformem em obstáculos injustos à participação política e à expressão de suas vozes.

O igual valor moral não pressupõe resultados idênticos em todas as dimensões da vida. Exige, porém, que as desigualdades não privem as pessoas de seus direitos fundamentais nem de sua capacidade de participar em condições de igualdade.

2.2. Justiça e bem comum: a contribuição de Platão

Os fundamentos éticos da democracia podem ser relacionados às discussões filosóficas clássicas sobre a justiça.

No Livro IV de *A República*, Platão apresenta o argumento de que a finalidade de uma cidade justa não deve ser tornar excepcionalmente feliz um grupo específico, mas permitir que a cidade como um todo prospere. Na tradução de David Horan, Sócrates explica que a cidade está sendo fundada não para privilegiar um grupo, mas para que “a cidade inteira seja tão feliz quanto lhe for possível” (Platão, *A República*, 420b).

Platão também discute os perigos da riqueza e da pobreza excessivas, argumentando que ambas podem comprometer a coesão e a unidade da cidade (*A República*, 421d–422a).

Esses argumentos oferecem um ponto de partida ético valioso: a legitimidade da organização política deve ser avaliada em função do bem-estar da comunidade como um todo, e não apenas da prosperidade ou do poder de uma minoria privilegiada.

Entretanto, a filosofia política de Platão era hierárquica e excluía muitas pessoas da cidadania política, entre elas uma parcela expressiva dos escravizados da época. Portanto, não deve ser apresentada como uma formulação precursora da igualdade democrática contemporânea. O presente referencial retoma sua preocupação com a justiça e o bem comum, mas fundamenta a igualdade de direitos políticos nos princípios modernos da dignidade humana, da cidadania universal e dos direitos humanos.

A implicação contemporânea é que as estruturas políticas e econômicas devem ser avaliadas de acordo com sua contribuição para o bem-estar da sociedade como um todo, em vez de permitir que os interesses de grupos poderosos dominem as prioridades coletivas.

2.3. Dignidade mínima e distribuição equitativa dos recursos

A justiça exige mais do que direitos formais iguais. Exige que todas as pessoas tenham acesso às condições materiais e sociais mínimas necessárias para uma vida digna.

Entre essas condições estão alimentação adequada, água potável, moradia, saneamento, educação, assistência à saúde, energia, segurança e oportunidades de participação efetiva na sociedade.

O referencial da Equidade Sustentável em Saúde define o espaço de equidade econômica entre um patamar mínimo de dignidade e níveis de acumulação ou consumo excessivos, que podem comprometer a dignidade e as oportunidades de outras pessoas.

Esse princípio não constitui um argumento contra todas as diferenças de renda ou riqueza nem em favor do igualitarismo. Trata-se de um argumento ético contra estruturas nas quais a privação extrema coexiste com a acumulação excessiva, enquanto os recursos e as capacidades produtivas necessários para garantir condições básicas de dignidade permanecem distribuídos de maneira insuficiente.

O princípio da suficiência combina-se, portanto, com o princípio da equidade: as sociedades devem garantir a todos um patamar mínimo de vida digna, assegurando, ao mesmo tempo, que a busca por riqueza adicional não produza privações injustas nem danos ecológicos.

2.4. Equidade na participação política efetiva

Um sistema democrático deve proteger a capacidade das pessoas de influenciar as decisões, e não apenas seu direito de depositar um voto na urna.

Isso exige condições justas de acesso às candidaturas, transparência no financiamento de campanhas, responsabilização nas atividades de lobby, pluralismo nos meios de comunicação, acesso a informações confiáveis e oportunidades de participação entre as eleições.

Exige também atenção aos recursos desigualmente distribuídos que condicionam a comunicação política e o debate público.

O princípio em questão é o da igualdade política efetiva: nenhum indivíduo, empresa ou grupo de interesse organizado deve poder converter seu poder econômico em controle desproporcional sobre as decisões coletivas sem transparência e responsabilização.

2.5. Solidariedade e responsabilidade para além das fronteiras nacionais

As consequências das decisões políticas frequentemente ultrapassam as populações representadas pelas instituições que as tomam.

Sanções econômicas, operações militares, restrições comerciais, regulamentações financeiras e políticas climáticas podem afetar a saúde, os meios de subsistência e a autonomia política de pessoas em outros países.

Uma concepção ética de democracia deve, portanto, incluir a responsabilidade perante as populações afetadas pelas decisões nacionais, mesmo quando elas não possuem cidadania ou direito a voto no país em questão.

Esse princípio exige solidariedade internacional, avaliações transparentes de impacto e mecanismos que permitam ouvir e proteger as populações afetadas.

2.6. Justiça intergeracional e responsabilidade pelas gerações futuras

As decisões democráticas não devem transferir às gerações futuras encargos sociais, financeiros ou ecológicos que poderiam ser evitados.

Os interesses das pessoas que ainda não podem votar devem ser considerados nas decisões relativas à dívida pública, à extração de recursos naturais, à política climática, à biodiversidade, à infraestrutura, à tecnologia e à proteção ambiental.

A justiça intergeracional exige que as instituições considerem as consequências de longo prazo, em vez de priorizarem benefícios políticos ou econômicos imediatos.

2.7. Responsabilidade ecológica e limites planetários

As sociedades humanas dependem da estabilidade dos sistemas terrestres. A regulação do clima, a disponibilidade de água doce, a biodiversidade, a fertilidade do solo, a química dos oceanos e os ciclos de nutrientes não são questões ambientais externas à vida em sociedade: constituem os fundamentos da saúde humana, dos sistemas alimentares, da atividade econômica e da estabilidade social.

O referencial dos Limites Planetários identifica nove processos fundamentais do sistema terrestre que regulam a estabilidade e a resiliência do planeta.

O Planetary Health Check de 2026 informa que sete dos nove limites já foram ultrapassados: mudança climática, integridade da biosfera, mudança no uso do solo, alteração do ciclo da água doce, fluxos biogeoquímicos, novas entidades e acidificação dos oceanos. A carga de aerossóis atmosféricos e a destruição da camada de ozônio estratosférico permanecem dentro do espaço operacional seguro em escala global, embora persistam preocupações importantes em âmbito regional e em relação à continuidade desses processos.

Essas evidências tornam a responsabilidade ecológica uma exigência ética para a legitimidade política, e não apenas uma questão técnica de política ambiental.

Os limites planetários são limites globais dos sistemas terrestres. Eles não determinam automaticamente quanto cada país ou indivíduo deve consumir ou emitir. A definição de parcelas justas de responsabilidade para cada país e indivíduo exige princípios éticos e políticos adicionais, entre eles a responsabilidade histórica, a capacidade de agir, o atendimento às necessidades básicas e o direito ao desenvolvimento.

2.8. Transparência, responsabilização e precaução

O exercício do poder político, econômico, financeiro e tecnológico deve ser transparente e estar sujeito à responsabilização.

Quando as decisões puderem gerar danos graves ou irreversíveis, as instituições devem aplicar o princípio da precaução, promover avaliações independentes e assegurar o escrutínio público.

Esse princípio é especialmente relevante para a inteligência artificial, a modelagem financeira, a comunicação política digital, as tecnologias de vigilância, as sanções econômicas e a tomada de decisões militares.

A legitimidade ética de uma decisão não pode depender exclusivamente da autoridade da instituição que a toma. Deve depender também das evidências que a fundamentam, da proporcionalidade da medida, da transparência de seus objetivos e dos mecanismos disponíveis para contestar suas consequências.

3. Referencial operacional: dimensões da Democracia de Equidade Sustentável

Os oito princípios éticos podem ser traduzidos em sete dimensões interligadas para fins de pesquisa e avaliação de políticas públicas.

Dimensão	Fundamento ético	Possíveis indicadores
1. Direitos políticos e participação	Igual valor moral e igualdade política	Participação eleitoral, obstáculos ao registro eleitoral, acesso às candidaturas, representação
2. Equidade na influência política	Justiça e não dominação	Concentração do financiamento de campanhas, transparência das atividades de lobby, concentração dos meios de comunicação, capacidade de resposta do poder público às demandas da sociedade
3. Dignidade mínima e saúde	Suficiência e justiça distributiva	Pobreza, acesso à assistência à saúde, mortalidade evitável, moradia, educação, expectativa de vida
4. Distribuição justa e limites aos excessos	Bem comum e equidade social	Concentração de renda e riqueza, acesso a recursos essenciais, consumo de recursos ecológicos por faixa de renda
5. Solidariedade global e responsabilização	Responsabilidade para além das fronteiras nacionais	Avaliações de impacto sobre a saúde, efeitos das sanções, impactos comerciais, representação internacional
6. Sustentabilidade ecológica	Responsabilidade pela preservação do planeta e precaução	Emissões de gases de efeito estufa, pegada material, biodiversidade, pressões sobre os recursos hídricos e o uso do solo
7. Responsabilidade intergeracional	Justiça entre gerações	Sustentabilidade da dívida no longo prazo, compromissos climáticos, restauração de ecossistemas, avaliações de impacto sobre as gerações futuras

Essas dimensões devem ser avaliadas separadamente antes do cálculo de qualquer índice composto. Uma pontuação única poderia ocultar falhas graves em uma dimensão por trás de um desempenho positivo em outra.

Um Índice de Representação Política Equitativa poderia constituir um dos componentes do referencial mais amplo, enquanto uma avaliação da Democracia de Equidade Sustentável incorporaria também as dimensões sociais, sanitárias, internacionais e ecológicas.

O objetivo não é criar um ranking universal sem evidências adequadas, mas tornar as desigualdades estruturais visíveis, comparáveis e sujeitas à responsabilização pública.

4. Metodologia e limitações

Este artigo adota uma abordagem multidisciplinar e comparativa, recorrendo a estatísticas eleitorais, dados sobre financiamento de campanhas, indicadores socioeconômicos, estatísticas internacionais de saúde, relatórios institucionais, literatura acadêmica e estudos sobre os sistemas terrestres.

A análise está organizada em torno de quatro níveis interligados:

1. Representação e participação política no âmbito nacional.
2. Desigualdade econômica interna e suas consequências para a saúde.
3. Poder político, militar, econômico e financeiro no plano internacional.
4. Desigualdade ecológica e distribuição das responsabilidades ambientais.

Em determinados indicadores econômicos e de saúde, os Estados Unidos são comparados ao Japão, à Grécia e ao Sri Lanka. Esses países não constituem uma amostra representativa do mundo, mas são referências de melhor desempenho em saúde (Japão), melhor desempenho em saúde dentro do espaço de equidade (Grécia) e a única referência nacional economicamente replicável e ecologicamente sustentável (Sri Lanka). Sua inclusão busca ilustrar como diferenças nos recursos econômicos, nos gastos com saúde e na organização social podem coexistir com resultados distintos em termos de saúde da população.

É necessário reconhecer diversas limitações.

As estatísticas de participação eleitoral não equivalem a medidas de influência política. As categorias de financiamento de campanhas podem apresentar sobreposições. Os dados comparáveis sobre a riqueza e a origem social de candidatos, delegados e ocupantes de cargos políticos ainda são incompletos.

Os indicadores de saúde são influenciados por múltiplos fatores, incluindo a estrutura etária, os padrões de doenças, a proteção social, a organização dos sistemas de saúde, o estilo de vida e as condições ambientais. As comparações não permitem estabelecer relações causais simples entre os gastos com saúde e a expectativa de vida.

Também é difícil isolar as consequências internacionais das sanções, das operações militares e das restrições comerciais em relação a outros fatores políticos e econômicos.

Por fim, os limites planetários descrevem processos globais dos sistemas terrestres. Sua tradução em responsabilidades nacionais exige pressupostos éticos explícitos relativos às emissões históricas, à capacidade de ação, às necessidades de desenvolvimento e ao uso equitativo dos recursos.

O artigo deve, portanto, ser entendido como um referencial crítico para avaliação e futuras investigações empíricas, e não como uma análise causal definitiva de todas as dimensões do poder político dos Estados Unidos.

5. Desigualdades na representação política

5.1. Acesso às candidaturas

O direito de se candidatar a cargos públicos é um componente essencial da participação democrática. No entanto, a elegibilidade legal não garante igualdade nas condições efetivas de acesso às candidaturas.

Os candidatos precisam de tempo, recursos financeiros, apoio organizacional, visibilidade pública e acesso às redes de comunicação. Essas exigências favorecem desproporcionalmente pessoas com segurança econômica, redes profissionais e vínculos institucionais consolidados.

Estudos sobre a origem socioeconômica dos integrantes do Congresso dos Estados Unidos identificaram uma representação excessiva de pessoas oriundas de contextos socioeconômicos privilegiados e com elevado nível de escolaridade.

Isso não significa que todos os representantes eleitos compartilhem interesses idênticos ou que a origem social determine o comportamento político. No entanto, suscita

questionamentos sobre se a composição das instituições políticas reflete adequadamente a diversidade socioeconômica da população.

Uma avaliação sistemática exigiria dados sobre a riqueza familiar dos candidatos, sua renda pessoal, trajetória profissional, formação educacional e fontes de apoio financeiro às campanhas.

5.2. Financiamento de campanhas e influência desigual da riqueza

O financiamento de campanhas é um dos exemplos mais evidentes de como a igualdade política formal se depara com a desigualdade econômica.

No ciclo eleitoral federal de 2023–2024, a Comissão Eleitoral Federal (Federal Election Commission – FEC) registrou bilhões de dólares em receitas e despesas de candidatos à Presidência, candidatos ao Congresso, comitês partidários e comitês de ação política. Somente os gastos independentes totalizaram vários bilhões de dólares.

Esses números demonstram a dimensão dos recursos financeiros mobilizados nas eleições federais dos Estados Unidos. Por si só, porém, não demonstram que as contribuições financeiras determinem os resultados eleitorais ou que cada contribuição compre influência política.

Ainda assim, a capacidade de financiar a comunicação política, apoiar candidatos, organizar atividades de lobby e manter ações de defesa de interesses no longo prazo está distribuída de maneira desigual.

A distinção entre a igualdade formal do voto individual e a capacidade desigual de influenciar o ambiente político é fundamental. Um sistema pode garantir o princípio de um voto por pessoa e, ao mesmo tempo, permitir profundas desigualdades na distribuição dos recursos utilizados para moldar as opções apresentadas aos eleitores.

A questão não é simplesmente se os cidadãos ricos têm o direito de participar. Eles têm. A questão é se o sistema político oferece salvaguardas suficientes para impedir que a concentração de riqueza se converta em influência política desproporcional.

5.3. Seleção de candidatos e delegados partidários

Os partidos políticos desempenham um papel decisivo na seleção de candidatos, na definição de programas e na determinação de quais alternativas políticas se tornam eleitoralmente viáveis.

As convenções partidárias e os sistemas de delegados constituem, portanto, etapas importantes da representação democrática. No entanto, as características socioeconômicas dos delegados, a distribuição da influência entre as estruturas partidárias e o papel dos integrantes das cúpulas partidárias não são documentados de maneira sistemática em bases de dados públicas comparáveis.

O número de delegados e seus direitos formais de voto são medidas insuficientes da representação substantiva. Uma análise mais abrangente examinaria sua riqueza, trajetória profissional, origem geográfica, relações com financiadores e participação nos processos decisórios dos partidos.

5.4. Eleições primárias e participação política

As eleições primárias oferecem aos cidadãos oportunidades de influenciar a escolha dos candidatos antes das eleições gerais. No entanto, a participação costuma ser muito menor do que nas eleições presidenciais e legislativas.

Os números preliminares de 2026 indicaram que a participação nas primárias permaneceu significativamente abaixo daquela registrada nas eleições gerais. Isso suscita questionamentos sobre a representatividade do eleitorado que determina quais candidatos chegam à votação final.

A baixa participação não invalida necessariamente o resultado de uma eleição primária. No entanto, pode aumentar a influência relativa de eleitores altamente mobilizados, grupos organizados e redes políticas consolidadas.

Um sistema mais equitativo procuraria reduzir os obstáculos à participação e assegurar que a seleção de candidatos refletisse uma gama mais ampla de experiências sociais e preferências políticas.

5.5. Identificação partidária e participação política ativa

Identificar-se politicamente não é o mesmo que ser filiado a um partido ou participar ativamente de suas atividades.

Muitos cidadãos dos Estados Unidos se identificam como independentes, enquanto outros se identificam com um dos principais partidos sem participar de suas estruturas ou de seus processos decisórios. Essa distinção é importante porque o sistema político costuma ser descrito como uma escolha entre dois partidos dominantes, embora as preferências políticas dos cidadãos sejam mais diversificadas.

A existência de eleitores independentes não implica automaticamente a ausência de alternativas políticas significativas. No entanto, as barreiras institucionais e financeiras enfrentadas por partidos menores e candidatos independentes merecem atenção.

A questão fundamental é se o sistema político permite que diferentes interesses sociais obtenham representação efetiva, em vez de apenas possibilitar que expressem suas preferências nas urnas.

5.6. Eleições gerais e eleições legislativas de meio de mandato de novembro de 2026

As eleições legislativas de meio de mandato de novembro de 2026 oferecem um exemplo contemporâneo importante tanto da vitalidade quanto das limitações da participação eleitoral.

Estimativas preliminares do Election Lab da Universidade da Flórida indicaram aproximadamente 124,3 milhões de votos, correspondentes a cerca de 49,4% da população estimada com direito a voto. Os números eram provisórios quando divulgados e deverão ser substituídos pelos dados definitivos, após a certificação dos resultados.

As eleições resultaram na conquista do controle das duas casas do Congresso pelos democratas. Esse resultado representa um importante exercício de responsabilização eleitoral e uma mudança na correlação de forças nas instituições.

Demonstra que os eleitores podem impor custos políticos aos partidos que estão no governo e alterar o cenário legislativo. Também cria oportunidades para a fiscalização das ações do Executivo pelo Congresso e para o fortalecimento dos mecanismos institucionais de controle e equilíbrio entre os Poderes.

No entanto, a mudança no controle partidário não resolve automaticamente as desigualdades estruturais no financiamento de campanhas, nas atividades de lobby, na propriedade dos meios de comunicação, na concentração de riqueza ou no acesso às instâncias de poder político. Tampouco garante que as políticas resultantes reduzam as desigualdades em saúde no âmbito nacional ou internacional.

As eleições devem, portanto, ser interpretadas como evidência de que os mecanismos de resposta eleitoral continuam funcionando, mas não como prova de que o sistema político tenha alcançado a igualdade substantiva.

5.7. Conhecimento político, educação e comunicação

A participação política efetiva exige mais do que a capacidade formal de votar. Exige também acesso a informações confiáveis, oportunidades de educação política e capacidade de avaliar diferentes argumentos e afirmações.

Dados do Departamento do Censo dos Estados Unidos (US Census Bureau) apontam uma associação entre o nível de escolaridade e diferenças na participação eleitoral. No entanto, a escolaridade, por si só, não explica o comportamento político, e seria inadequado presumir que pessoas com menor nível de educação formal não tenham compreensão política.

A questão mais importante diz respeito às desigualdades no acesso aos recursos que favorecem uma participação bem informada.

A comunicação política é cada vez mais moldada por plataformas digitais, publicidade direcionada, sistemas privados de dados e mecanismos algorítmicos de recomendação. Esses sistemas podem ampliar o acesso à informação, mas também podem fragmentar o debate público, reforçar a polarização e criar oportunidades desiguais de influenciar a atenção e a opinião públicas.

As implicações desses processos para a democracia exigem pesquisas independentes, transparência e mecanismos de responsabilização pública.

5.8. Exclusão eleitoral e residentes que não são cidadãos

Os Estados Unidos abrigam milhões de residentes que não possuem cidadania e, portanto, não podem votar nas eleições federais. Entre eles estão residentes permanentes e outras populações não cidadãs.

A distinção entre cidadania e residência tem relevância jurídica, e o direito de votar nas eleições nacionais está, em geral, vinculado à cidadania. Ainda assim, muitos não cidadãos contribuem para a economia, pagam impostos, trabalham em setores essenciais e são diretamente afetados pelas políticas públicas.

A questão democrática, portanto, vai além do direito legal ao voto: como as sociedades podem garantir que as pessoas substancialmente afetadas pelas decisões públicas disponham de canais adequados de representação, consulta e proteção?

A mesma questão se aplica às pessoas afetadas pela política externa dos Estados Unidos. Populações de outros países podem sofrer as consequências de sanções, restrições comerciais ou decisões militares sem dispor de qualquer mecanismo direto para influenciar essas decisões.

6. Desigualdade econômica e suas consequências para a saúde

A representação política não pode ser dissociada da distribuição dos recursos econômicos.

A desigualdade econômica afeta o acesso à moradia, à educação, à alimentação adequada, ao transporte, à assistência à saúde, a condições ambientais de qualidade e à seguridade social. Essas condições influenciam a saúde ao longo de toda a vida.

Os Estados Unidos combinam um nível excepcionalmente elevado de produção econômica e gastos com saúde com desigualdades persistentes no acesso aos serviços de saúde e nos resultados de saúde da população.

6.1. Gastos com saúde

Em 2023, as estimativas de gastos correntes com saúde per capita, expressas em dólares internacionais ajustados pela paridade do poder de compra, foram de aproximadamente (Japão, como referência de melhor desempenho em saúde; Grécia, como referência de melhor desempenho em saúde dentro da curva de equidade; Costa Rica, como referência de melhor desempenho em saúde dentro da curva de equidade na região; e Sri Lanka, como referência global de bons resultados em saúde, com níveis economicamente replicáveis e ecologicamente sustentáveis.):

País ou grupo	Gastos com saúde per capita, 2023
Estados Unidos	US$ 13,473
Japão	US$ 5,365
Grécia	US$ 3,454
Costa Rica	US$ 1,163
Sri Lanka	US$ 507
Média mundial	US$ 1,891

Fonte: Banco Mundial, World Development Indicators, com base no Global Health Expenditure Database da OMS

Os Estados Unidos gastaram substancialmente mais por pessoa com saúde do que os demais países incluídos nesta comparação.

No entanto, gastos mais elevados não se traduzem automaticamente em resultados proporcionalmente melhores para a saúde da população. A organização dos sistemas de saúde, os custos administrativos, os preços, as barreiras de acesso, os determinantes sociais e a distribuição dos serviços são fatores que também importam.

A questão central da equidade, portanto, não é apenas quanto um país gasta, mas com que eficiência e justiça esses recursos são convertidos em saúde e bem-estar.

6.2. Expectativa de vida

Estimativas harmonizadas internacionalmente para 2023 indicam os seguintes valores de expectativa de vida ao nascer nos Estados Unidos e nos países utilizados como referência na comparação acima sobre gastos com saúde.

País	Total	Homens	Mulheres
Estados Unidos	79,8 anos	77,4 anos	82,2 anos
Japão	85,1 anos	82,1 anos	88,2 anos
Grécia	82,4 anos	79,9 anos	84,7 anos
Costa Rica	79,8 anos	76,8 anos	82,8 anos
Sri Lanka	78,0 anos	74,9 anos	81 anos

Essas estimativas utilizam dados do Human Mortality Database e do World Population Prospects 2024, das Nações Unidas, processados pelo Our World in Data.

A comparação é elucidativa. Os Estados Unidos apresentam gastos com saúde per capita substancialmente mais elevados do que o Japão e a Grécia, mas uma expectativa de vida menor na série de dados citada.

O Japão alcança uma expectativa de vida particularmente elevada, apesar de gastar consideravelmente menos com saúde per capita do que os Estados Unidos.

A Grécia, a Costa Rica (ambas com gastos com saúde menores e melhores indicadores de saúde do que os Estados Unidos) e o Sri Lanka (que apresenta um modelo replicável em escala global, com gastos com saúde muito menores e indicadores bastante próximos) demonstram que a saúde da população não pode ser explicada apenas pela renda nacional ou pelos gastos com assistência à saúde. A organização social, a saúde pública, a alimentação, a educação, as estruturas familiares e outros determinantes também contribuem para esses resultados.

A expectativa de vida é um indicador importante, mas incompleto. Deve ser complementada por indicadores de expectativa de vida saudável, mortalidade evitável, desigualdades por renda e escolaridade, acesso à assistência à saúde e resultados desagregados por sexo.

6.3. Interpretação: gastos, distribuição e resultados

A comparação não demonstra que o sistema de saúde dos Estados Unidos seja necessariamente menos eficaz em todos os aspectos, nem que Japão, Grécia, Costa Rica ou Sri Lanka ofereçam modelos que possam ser universalmente reproduzidos.

Ela demonstra, contudo, que a riqueza nacional e os gastos com assistência à saúde, por si sós, são indicadores insuficientes do bem-estar da população.

Uma avaliação da equidade em saúde deve considerar:

- Quem recebe assistência à saúde e em que condições.
- A distribuição dos gastos com saúde entre os diferentes grupos populacionais.
- A capacidade de arcar com os custos de medicamentos e tratamentos.
- Os determinantes sociais da saúde.
- A mortalidade evitável e as desigualdades que poderiam ser prevenidas.

- As diferenças na expectativa de vida por sexo, renda, escolaridade e localização geográfica.
- A distribuição dos recursos entre prevenção, tratamento e saúde pública.

A questão central não é simplesmente o volume de riqueza disponível, mas em que medida essa riqueza se converte em oportunidades equitativas para que as pessoas tenham vidas saudáveis e dignas.

7. As dimensões internacionais do poder político e econômico dos Estados Unidos

O sistema político interno dos Estados Unidos não pode ser compreendido independentemente de sua posição internacional.

Sua influência se manifesta por meio de capacidades militares, instituições diplomáticas, política comercial, mercados financeiros, sanções econômicas, infraestruturas tecnológicas e do papel internacional do dólar.

Esses mecanismos podem afetar as escolhas econômicas e políticas disponíveis a outros países, inclusive àqueles cujos cidadãos não têm representação direta no sistema político dos Estados Unidos.

7.1. O Conselho de Segurança das Nações Unidas e o poder de veto

Os Estados Unidos são um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Assim como China, França, Rússia e Reino Unido, o país tem poder de veto sobre resoluções substantivas.

Esse arranjo reflete a configuração geopolítica estabelecida após a Segunda Guerra Mundial. Não representa uma distribuição equitativa de autoridade política entre os países do mundo.

O veto pode impedir uma ação coletiva mesmo quando a maioria dos membros do Conselho de Segurança apoia uma proposta.

A questão não é que apenas os Estados Unidos detenham esse privilégio. Os cinco membros permanentes o possuem. O problema estrutural é que um pequeno grupo de Estados mantém um nível de autoridade institucional que não está ao alcance da grande maioria dos países.

Isso levanta questões fundamentais sobre a legitimidade democrática e a representatividade da governança global.

7.2. Poder militar e coerção internacional

Os Estados Unidos têm o maior orçamento militar do mundo.

O SIPRI estimou os gastos militares dos Estados Unidos em aproximadamente US$ 997 bilhões em 2024, o equivalente a cerca de 37% dos gastos militares globais.

O poder militar pode servir a diversas finalidades, entre elas defesa, dissuasão, compromissos com alianças e operações de segurança internacional. No entanto, também pode ser utilizado, como ocorre com maior frequência, para sustentar políticas externas coercitivas, intervenções militares e influência estratégica.

Sob a perspectiva da Equidade Sustentável em Saúde, os gastos militares devem ser avaliados não apenas em relação à segurança nacional, mas também considerando seus custos de oportunidade e seus efeitos sobre o bem-estar humano.

Entre as questões pertinentes estão:

- Qual parcela dos recursos públicos é destinada aos gastos militares, em vez de à saúde, à educação e à proteção social?
- Quais são as consequências humanas e sanitárias das operações militares?
- Como as transferências de armas e as alianças militares afetam os conflitos e o deslocamento de populações?
- Quais são os custos ambientais das infraestruturas e operações militares?
- Quem arca com as consequências das decisões tomadas pelas potências?

Essas questões exigem uma análise empírica cuidadosa, e não pressupostos de que todos os gastos militares produzem consequências idênticas.

7.3. Sanções econômicas e consequências para a saúde

As sanções econômicas são frequentemente apresentadas como alternativas à intervenção militar. Elas podem ter como objetivo influenciar governos, restringir o acesso a recursos ou responder a violações do direito internacional.

No entanto, as sanções também podem afetar as populações civis por meio de restrições ao comércio, às transações financeiras e aos investimentos, bem como ao acesso a medicamentos, à segurança alimentar e a infraestruturas essenciais.

Uma revisão de escopo publicada em 2026 sobre pesquisas a respeito das sanções econômicas internacionais impostas pelos Estados Unidos identificou 43 estudos originais, dos quais 42 relataram danos à saúde. Entre os efeitos apontados estavam o aumento da mortalidade, a redução do acesso a medicamentos, a insegurança alimentar e consequências relacionadas a doenças infecciosas. As evidências estavam concentradas em um número limitado de países, particularmente o Irã, e variavam quanto à qualidade dos estudos e à atribuição de causalidade.

Esses resultados não devem ser interpretados como prova de que todas as sanções produzem os mesmos efeitos ou de que as sanções sejam a única causa dos resultados de saúde observados.

Eles demonstram, contudo, a necessidade de avaliações sistemáticas de impacto sobre a saúde antes, durante e depois da implementação de medidas de coerção econômica.

Uma abordagem baseada na equidade exigiria monitoramento independente, salvaguardas humanitárias, avaliação transparente e mecanismos eficazes de proteção das populações civis.

7.4. Política comercial e distribuição do poder econômico global

Os Estados Unidos ocupam uma posição central no comércio internacional e exercem influência considerável sobre as regras e condições que determinam o acesso ao seu mercado.

As mudanças nas tarifas podem afetar exportadores, consumidores, cadeias de suprimentos e a estabilidade econômica de outros países.

Análises da UNCTAD publicadas em 2025 e 2026 documentaram aumentos substanciais nas barreiras tarifárias impostas pelos Estados Unidos em comparação com o período anterior a 2025. As alíquotas efetivas exatas variam de acordo com as categorias de produtos, as isenções e as mudanças posteriores nas políticas.

A questão mais ampla é a assimetria entre países com grande poder de influência econômica e aqueles cujo desenvolvimento depende fortemente do acesso a mercados externos.

A política comercial deve, portanto, ser avaliada considerando seus efeitos sobre o emprego, a segurança alimentar, a disponibilidade de medicamentos, a capacidade produtiva e os recursos fiscais disponíveis para os serviços públicos.

O princípio do desenvolvimento equitativo exige que as regras do comércio internacional não coloquem sistematicamente em desvantagem os países com menor poder de negociação.

7.5. O papel internacional do dólar

O dólar dos Estados Unidos continua sendo a principal moeda de reserva internacional.

Os dados do COFER do FMI referentes ao quarto trimestre de 2025 situavam a participação do dólar nas reservas cambiais globais declaradas em aproximadamente 56,8%, em comparação com cerca de 20,3% do euro.

O predomínio do dólar proporciona vantagens importantes aos Estados Unidos, entre elas condições de financiamento favoráveis e influência considerável sobre as transações financeiras internacionais.

Também cria dependências estruturais para países, empresas e instituições financeiras que dependem do dólar em suas operações de comércio, endividamento e reservas.

Pesquisas sobre sanções internacionais e o predomínio do dólar examinaram como a posição central da moeda pode aumentar a eficácia das sanções financeiras impostas pelos Estados Unidos, ao mesmo tempo que cria incentivos para que alguns países diversifiquem seus arranjos financeiros.

A questão da equidade diz respeito à medida em que a posição monetária e financeira de um país pode influenciar as opções econômicas disponíveis aos demais.

O sistema monetário internacional requer instituições capazes de conciliar a estabilidade financeira com os interesses legítimos e as necessidades de desenvolvimento de todos os países.

7.6. Infraestruturas de informação financeira e a plataforma Aladdin

O papel crescente das grandes plataformas de tecnologia financeira introduz outra dimensão da influência econômica global.

A plataforma Aladdin, da BlackRock, integra funções de gestão de investimentos, análise de carteiras, gestão de riscos, negociação, conformidade regulatória e operações. É utilizada por uma ampla variedade de instituições financeiras, incluindo gestoras de ativos, bancos, seguradoras e fundos de pensão.

A importância dessas plataformas deve ser analisada com cuidado.

A Aladdin não é, por si só, um fundo de investimento especulativo, tampouco há evidências suficientes para afirmar que controla diretamente os mercados financeiros globais ou determina as decisões de todas as instituições que a utilizam.

Sua relevância está na crescente concentração da infraestrutura de informação financeira, das ferramentas analíticas e das capacidades de gestão de riscos nas mãos de um pequeno número de grandes provedores privados de tecnologia.

Isso levanta questões importantes sobre a transparência dos modelos financeiros, a responsabilização pelos sistemas de avaliação de riscos, a concentração de dados e capacidades analíticas, a possível dependência sistêmica de infraestruturas tecnológicas compartilhadas e a capacidade de órgãos reguladores e instituições públicas de avaliar esses sistemas de forma independente.

A questão não é se uma determinada plataforma é inerentemente prejudicial. É se sistemas financeiros de importância global devem depender de infraestruturas cuja governança, cujos modelos e cujo funcionamento não são plenamente transparentes para as sociedades afetadas pelas decisões tomadas com base neles.

8. Desigualdade ecológica, limites planetários e os limites do modelo de desenvolvimento dominante

As desigualdades políticas e econômicas não podem ser dissociadas das desigualdades ecológicas.

A distribuição global dos recursos e das responsabilidades ambientais continua sendo altamente desigual. Em geral, os países e as populações com as maiores pegadas ecológicas históricas e atuais se beneficiaram de um consumo desproporcional de recursos, enquanto muitas das populações mais vulneráveis às mudanças climáticas contribuíram relativamente pouco para o problema.

Os Estados Unidos apresentam um dos níveis mais elevados do mundo de consumo de recursos e de emissões de gases de efeito estufa per capita.

A relevância ética desse desequilíbrio fica mais evidente quando ele é analisado à luz do referencial dos limites planetários.

Esse referencial identifica nove processos dos sistemas terrestres que regulam a estabilidade, a resiliência e as condições de sustentação da vida no planeta:

1. Mudança climática.
2. Integridade da biosfera.
3. Mudança no uso do solo.
4. Alteração do ciclo da água doce.
5. Fluxos biogeoquímicos, especialmente de nitrogênio e fósforo.
6. Acidificação dos oceanos.
7. Carga de aerossóis atmosféricos.
8. Destruição da camada de ozônio estratosférico.
9. Novas entidades, incluindo substâncias químicas sintéticas e outras substâncias produzidas pela atividade humana.

O *Planetary Health Check* de 2026 informa que sete desses nove limites já foram ultrapassados. Os dois limites globais restantes são a carga de aerossóis atmosféricos e a destruição da camada de ozônio estratosférico, embora as pressões relacionadas aos aerossóis continuem sendo significativas em âmbito regional.

Isso não é apenas um alerta ambiental. É uma evidência de que as condições ecológicas das quais dependem a saúde humana, a segurança alimentar, a atividade econômica e a estabilidade social estão submetidas a pressões cada vez maiores.

Os limites planetários descrevem os limites globais dos sistemas terrestres; por si sós, não determinam quanto cada país deve consumir ou emitir. Uma distribuição justa exige considerar eticamente a responsabilidade histórica, a capacidade atual, as necessidades básicas, o tamanho da população e as legítimas exigências de desenvolvimento.

É nesse ponto que a Equidade Sustentável em Saúde se torna essencial.

Um país não pode afirmar que promove o desenvolvimento humano sustentável se sua prosperidade depende de um nível de consumo ecológico que compromete a saúde e a dignidade das populações de outros lugares ou transfere os custos ambientais para as gerações futuras.

A questão ética não é se todos os países devem ter pegadas ecológicas idênticas. É se todas as pessoas podem alcançar um padrão de vida digno enquanto a comunidade global permanece dentro de um espaço operacional seguro.

O referencial da Equidade Sustentável em Saúde propôs como referência ética emissões de aproximadamente 1,6 tonelada de CO_2 equivalente e uma pegada ecológica de 1,5 hectare (biocapacidade média global) por pessoa ao ano, como parâmetro para explorar a distribuição equitativa das responsabilidades ecológicas. Os Estados Unidos apresentam níveis de 14,2 toneladas de emissões de CO_2 equivalente per capita (8,9 vezes acima do limite ético de referência) e uma pegada ecológica de 10,6 hectares per capita (7 vezes maior). Esses valores devem ser entendidos como uma referência normativa para análise, e não como um limite legal acordado internacionalmente. Qualquer comparação com as emissões nacionais deve utilizar critérios contábeis compatíveis e distinguir as emissões territoriais daquelas associadas ao consumo.

Os gastos militares e os impactos ambientais também devem ser considerados em conjunto. As operações militares, as infraestruturas, a produção de armamentos e as redes militares globais exigem recursos materiais e energéticos substanciais. Suas consequências ambientais nem sempre são plenamente contempladas nos relatórios nacionais de emissões.

Sob a perspectiva da equidade em saúde, as mudanças climáticas e a degradação ecológica afetam a nutrição, os padrões de doenças infecciosas, a mortalidade relacionada ao calor, os deslocamentos populacionais, os meios de subsistência e a resiliência dos sistemas de saúde.

O autor já descreveu as mudanças climáticas e a destruição ecológica como uma forma de conflito global sem armas convencionais, cujas consequências são distribuídas de maneira desigual entre populações e gerações.

Um sistema político sustentável deve, portanto, abordar não apenas a distribuição da renda e da influência política, mas também a distribuição das responsabilidades ecológicas e dos danos ambientais.

9. Discussão: as contradições do chamado modelo democrático

As evidências examinadas neste artigo apontam para uma contradição central.

Os Estados Unidos têm um sistema eleitoral competitivo, garantias constitucionais, pluralismo político, uma sociedade civil expressiva e instituições capazes de permitir o escrutínio público e a contestação. Essas são características democráticas importantes e não devem ser desconsideradas.

As eleições legislativas de meio de mandato de novembro de 2026 demonstram que a competição eleitoral pode produzir uma mudança significativa na correlação de forças no Legislativo e oferecer um mecanismo institucional para que os eleitores expressem sua insatisfação com o desempenho do governo.

No entanto, a capacidade de resposta eleitoral não equivale à distribuição equitativa da influência política.

A capacidade de financiar campanhas, influenciar a comunicação pública, ter acesso aos tomadores de decisão e moldar a política econômica está distribuída de maneira desigual. A composição social das instituições políticas não reflete plenamente a diversidade da população. Milhões de residentes estão excluídos do voto em eleições federais por não serem cidadãos, enquanto as populações de outros países afetadas pelas decisões dos Estados Unidos não têm representação política direta no sistema responsável por essas decisões.

A contradição se torna ainda mais significativa quando as desigualdades internas são consideradas em conjunto com o poder internacional.

Um país pode defender princípios democráticos e, ao mesmo tempo, manter uma influência desproporcional sobre as instituições globais. Pode promover a liberdade de mercado enquanto utiliza sanções econômicas e restrições comerciais para influenciar as escolhas de política de outros países. Pode defender os direitos humanos enquanto apoia arranjos militares e econômicos cujas consequências exigem uma avaliação mais sistemática.

Essas tensões não são exclusivas dos Estados Unidos. Outros Estados poderosos também exercem influência internacional desigual, e as próprias instituições globais reproduzem desigualdades históricas.

No entanto, a dimensão do poder econômico, militar e financeiro dos Estados Unidos torna suas consequências particularmente importantes.

A crítica central, portanto, não é que os Estados Unidos careçam de instituições democráticas, mas que o conceito de democracia permanece incompleto quando é avaliado sem considerar a distribuição do poder efetivo e as consequências desse poder para outras populações.

Os fundamentos filosóficos aqui propostos oferecem um caminho para superar uma compreensão estritamente procedimental da democracia.

A preocupação de Platão com o bem comum, os princípios modernos da igual dignidade moral e dos direitos humanos, a exigência ética de uma dignidade mínima e as evidências científicas sobre os limites planetários apontam para um critério mais amplo de legitimidade política: o bem-estar e a liberdade de toda a comunidade, incluindo aqueles que vivem além das fronteiras nacionais e as gerações futuras.

A avaliação planetária de 2026 torna particularmente urgente a dimensão ecológica. O fato de sete limites planetários terem sido ultrapassados significa que os sistemas políticos e econômicos devem ser avaliados à luz da capacidade dos sistemas terrestres de sustentar a vida. Uma maioria democrática não pode justificar eticamente políticas que comprometam sistematicamente as condições básicas de vida de outras populações ou das gerações futuras.

O conceito de Democracia de Equidade Sustentável amplia, portanto, a avaliação da legitimidade política para abranger três dimensões interconectadas: a distribuição equitativa do poder, a distribuição equitativa das condições necessárias à dignidade e à saúde e a distribuição equitativa das responsabilidades ecológica.

10. Agenda de pesquisa: rumo a um Índice de Representação Política Equitativa e a uma avaliação da Democracia de Equidade Sustentável

As lacunas de evidências identificadas neste artigo apontam para a necessidade de um programa sistemático de pesquisa.

Um Índice de Representação Política Equitativa poderia complementar as medidas convencionais de democracia, examinando não apenas os procedimentos eleitorais, mas também a distribuição da influência política efetiva.

Entre as dimensões possíveis estão:

1. Acesso às candidaturas políticas

- Perfil socioeconômico dos candidatos.
- Distribuição da riqueza e da renda pessoal.
- Diversidade educacional e profissional.
- Barreiras financeiras e organizacionais à candidatura.

2. Equidade no financiamento de campanhas

- Distribuição das contribuições por grupos de renda e patrimônio.
- Dependência de grandes doadores e de grupos de interesse organizados.
- Financiamento público e limites aos gastos de campanha.
- Transparência dos gastos independentes e da publicidade política.

3. Representação no interior dos partidos políticos

- Composição social dos filiados e delegados partidários.
- Participação no processo de seleção de candidatos.
- Transparência dos processos internos de tomada de decisão.
- Representação de comunidades marginalizadas.

4. Participação eleitoral

- Comparecimento às urnas por renda, escolaridade, idade, sexo e região geográfica.
- Barreiras ao alistamento eleitoral e ao voto.

- Diferenças entre eleições primárias e eleições gerais.
- Participação de pessoas com deficiência e de outros grupos que enfrentam barreiras estruturais.

5. Informação política e deliberação pública

- Acesso a informações independentes e confiáveis.
- Concentração e propriedade dos meios de comunicação.
- Transparência da publicidade política digital.
- Responsabilização pelos algoritmos e pela comunicação política.

6. Responsabilização e capacidade de resposta

- Relação entre as preferências da população e os resultados das políticas públicas.
- Transparência das atividades de lobby.
- Capacidade de resposta do Legislativo às demandas de diferentes grupos socioeconômicos.
- Mecanismos de consulta e fiscalização públicas.

7. Responsabilização democrática internacional

- Distribuição do poder decisório nas instituições internacionais.
- Responsabilização por sanções e operações militares.
- Participação das populações afetadas nas decisões internacionais.
- Transparência da governança econômica e financeira global

8. Consequências para a saúde e a ecologia

- Avaliações dos impactos distributivos das principais políticas sobre a saúde.
- Mortalidade evitável associada a decisões econômicas e políticas.
- Distribuição das pegadas ecológicas e das responsabilidades pelas emissões de carbono.
- Efeitos das políticas internacionais sobre a equidade em saúde em outros países.

Uma avaliação complementar da Democracia de Equidade Sustentável incluiria os princípios éticos e as sete dimensões descritos na Seção 3.

O índice precisaria evitar reduzir sistemas políticos complexos a uma única pontuação numérica sem a devida transparência metodológica. Seu objetivo deveria ser identificar desigualdades, permitir comparações sempre que possível e contribuir para reformas institucionais.

Esse trabalho poderia ser desenvolvido em colaboração com instituições de saúde pública, universidades, redes científicas internacionais e organizações da sociedade civil.

A Federação Mundial das Associações de Saúde Pública (World Federation of Public Health Associations), a Parceria InterAcademias (InterAcademy Partnership) e a Aliança para a Saúde Planetária (Planetary Health Alliance) oferecem referenciais conceituais e científicos pertinentes para articular governança, saúde, equidade e sustentabilidade planetária. Seus trabalhos são citados como fontes de perspectivas científicas e de políticas públicas, e não como manifestação de apoio institucional aos argumentos apresentados neste artigo.

11. Conclusões: a democracia deve ser medida pela equidade sustentável

Os Estados Unidos ilustram tanto os pontos fortes quanto as limitações estruturais da democracia eleitoral contemporânea.

Suas instituições oferecem mecanismos importantes de competição política, representação e responsabilização pública. As eleições legislativas de meio de mandato de 2026 demonstram que os eleitores podem alterar a correlação de forças no Legislativo e impor consequências políticas aos partidos que estão no governo.

Ainda assim, a existência desses mecanismos não garante igualdade de acesso à influência política nem resultados equitativos.

A análise identifica desigualdades no acesso às candidaturas, no financiamento de campanhas, na participação partidária, na comunicação política e na representação eleitoral. Também evidencia a relação entre a concentração econômica e a desigualdade de oportunidades em saúde e bem-estar.

A comparação com Japão, Grécia, Costa Rica e Sri Lanka demonstra que uma renda nacional mais elevada e maiores gastos com assistência à saúde não produzem automaticamente melhores resultados para a saúde da população. A distribuição dos recursos, a proteção social, a saúde pública e outros determinantes são igualmente importantes.

No plano internacional, a concentração do poder militar, econômico, financeiro e institucional levanta questões sobre a responsabilização democrática por decisões que afetam populações além das fronteiras nacionais. O papel internacional do dólar, o uso de sanções econômicas, as políticas tarifárias e a distribuição de autoridade nas instituições globais merecem ser examinados criticamente.

A dimensão ecológica reforça esse argumento. O *Planetary Health Check* de 2026 informa que sete dos nove limites planetários foram ultrapassados. Essas evidências demonstram que o modelo de desenvolvimento dominante não pode ser avaliado exclusivamente pelo crescimento econômico, pela riqueza nacional ou pelo poder político. Também deve ser avaliado de acordo com sua contribuição para a estabilidade e a resiliência dos sistemas terrestres que sustentam a vida.

Os fundamentos éticos propostos neste artigo articulam o bem comum, a igual dignidade moral, a dignidade mínima, a participação equitativa, a solidariedade, a responsabilização e a responsabilidade intergeracional. Esses princípios são traduzidos em um referencial para avaliar a qualidade substantiva dos sistemas democráticos.

As limitações identificadas neste artigo não devem ser usadas para descartar as evidências de desigualdade. Pelo contrário, devem orientar o desenvolvimento de indicadores mais abrangentes e de pesquisas mais consistentes. Quando faltam dados, a resposta adequada é aprimorar a transparência e a mensuração, e não presumir que exista igualdade.

A conclusão central é que a democracia não deve ser medida exclusivamente pelos procedimentos por meio dos quais os governos são eleitos. Também deve ser avaliada pela medida em que as pessoas podem participar de forma significativa das decisões coletivas, exercer seus direitos em condições de dignidade, influenciar a distribuição dos recursos públicos e exigir que os detentores do poder respondam por suas consequências.

A democracia sem influência política equitativa permanece incompleta. A prosperidade econômica sem dignidade equitativa permanece incompleta. O poder nacional sem responsabilização internacional permanece incompleto. O desenvolvimento sem sustentabilidade ecológica permanece incompleto.

A Democracia de Equidade Sustentável oferece uma maneira de articular essas dimensões. Ela não diminui a importância da liberdade, do pluralismo, das eleições ou dos direitos constitucionais. Argumenta que seu pleno valor só pode se concretizar quando as instituições políticas também protegem a participação equitativa, a saúde, a dignidade humana e as condições ecológicas necessárias à vida.

O desafio, portanto, não consiste apenas em aprimorar o sistema eleitoral da principal potência política, econômica e militar do mundo. Trata-se de superar uma compreensão restrita da democracia como escolha periódica de governos e avançar em direção a um sistema no qual a legitimidade do poder seja medida por sua contribuição para o bem-estar e a liberdade de todas as pessoas, inclusive daquelas que vivem além das fronteiras nacionais e das gerações futuras.

Uma ordem internacional verdadeiramente democrática exigiria instituições nas quais o poder fosse distribuído de maneira mais equitativa, as decisões fossem transparentes e sujeitas à responsabilização, as condições mínimas para uma vida digna fossem asseguradas a todos e o uso dos recursos compartilhados respeitasse os limites do planeta.

A medida definitiva da democracia não deve ser a eficácia com que um país concentra e exerce seu poder, mas o quanto esse poder contribui, de maneira equitativa, para a liberdade, a dignidade, a saúde e o bem-estar sustentável da humanidade.

Referências

Filosofia política, ética e democracia

Plato. (2023). The Republic, Book IV, 419a–422a. Translation by David Horan. Original work composed approximately 375 BCE. https://www.platonicfoundation.org/media/2023/01/platos-republic-book-4-english-translation-by-david-horan-1.pdf

Internet Encyclopedia of Philosophy. (n.d.). Plato's Republic. https://iep.utm.edu/republic/

Gilens, M., & Page, B. I. (2014). Testing theories of American politics: Elites, interest groups, and average citizens. Perspectives on Politics, 12(3), 564–581. https://doi.org/10.1017/S1537592714001595

Participação eleitoral e financiamento político

Federal Election Commission. (2025). Campaign finance data: 2023–2024 federal elections. Washington, DC.

McDonald, M. P. (2026). 2026 General Election Turnout. University of Florida Election Lab. Preliminary data, updated November 5, 2026.

Associated Press. (2026, November 4–5). Voters give Democrats control of Congress in rebuke to Trump. https://apnews.com/article/ef6199e25927a9ac9f4c18eae0e497cd

League of Women Voters. (2026, November 4). League of Women Voters celebrates historic voter participation in 2026 midterms. https://www.lwv.org/newsroom/press-releases/league-women-voters-celebrates-historic-voter-participation-2026-midterms

Thompson, D. M., Feigenbaum, J. J., Hall, A. B., & Yoder, J. (2019). Research on the socioeconomic backgrounds of US political candidates and office-holders. National Bureau of Economic Research.

Equidade em saúde e determinantes sociais

World Health Organization. (2025). World report on social determinants of health equity. Geneva: WHO. (Michael Marmot et al)

World Bank. (2025). World Development Indicators: Current health expenditure per capita, PPP (current international dollars). Underlying data: WHO Global Health Expenditure Database. https://data.worldbank.org/indicator/SH.XPD.CHEX.PP.CD

Our World in Data. (2025). Life expectancy in 2023. Data from the Human Mortality Database and United Nations World Population Prospects 2024. https://ourworldindata.org/grapher/life-expectancy-hmd-unwpp

World Health Organization. (2025). Global Health Expenditure Database. Geneva: WHO.

Poder internacional, sanções e governança global

International Monetary Fund. (2026). Currency Composition of Official Foreign Exchange Reserves (COFER), fourth quarter 2025. Washington, DC.

Stockholm International Peace Research Institute. (2025). Trends in World Military Expenditure, 2024. Stockholm: SIPRI. https://doi.org/10.55163/AVEC8366

United Nations Security Council. (2024–2025). Security Council veto records and voting data. New York: United Nations.

United Nations Conference on Trade and Development. (2025–2026). Reports and policy analyses on United States tariffs and their implications for international trade and development. Geneva: UNCTAD.

Bianchi, J., & Sosa-Padilla, C. (2025). International sanctions and dollar dominance. The Economic Journal, 135(672), 2567–2577. https://doi.org/10.1093/ej/ueaf019

BlackRock. (2025). Annual Report 2025. New York: BlackRock.

Limites planetários e saúde planetária

Sakschewski, B., et al. (2026). Planetary Health Check 2026: A Scientific Assessment of the State of the Planet. Potsdam Institute for Climate Impact Research. https://www.planetaryhealthcheck.org/

Richardson, K., et al. (2023). Earth beyond six of nine planetary boundaries. Science Advances, 9(37), eadh2458. https://doi.org/10.1126/sciadv.adh2458

Rockström, J., et al. (2024). Planetary Boundaries guide humanity's future on Earth. Nature Reviews Earth & Environment, 5, 773–788. https://doi.org/10.1038/s43017-024-00597-z

Myers, S. S., et al. (2025). Connecting planetary boundaries and planetary health: A resilient and stable Earth system is crucial for human health. The Lancet, 406(10501), 315–319. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(25)01256-5

InterAcademy Partnership. (2022). Health in the Climate Emergency: A Global Perspective. Trieste: IAP.

Planetary Health Alliance. (n.d.). Planetary Health: Definition and principles. Johns Hopkins University.

Saúde pública e referenciais científicos internacionais

Lomazzi, M. (2016). A global charter for the public's health—the public health system: Role, functions, competencies and education requirements. European Journal of Public Health, 26(2), 210–212.

World Federation of Public Health Associations. (2016; revised 2024). Global Charter for the Public's Health.

Publicações anteriores do autor sobre Equidade Sustentável em Saúde

Autor. (2018). Health and climate change: A third world war with no guns. PEAH – Policies for Equitable Access to Health. https://www.peah.it/2018/07/5498/

Autor et al. (2021). Global health inequity 1960–2020: Equity vs equality, dignity vs poverty, equitable and sustainable wellbeing vs Human Development Index. PEAH – Policies for Equitable Access to Health. https://www.peah.it/2021/04/9658/

Autor. (2023). Towards a WISE – Wellbeing in Sustainable Equity – New Paradigm for Humanity. PEAH – Policies for Equitable Access to Health. https://www.peah.it/2023/12/12800/

Autor. (2024). Restoring Broken Human Deal. PEAH – Policies for Equitable Access to Health. https://www.peah.it/2024/04/13164/

Autor. (2024). Enough is enough, and more is too much: Between basic dignity and excess/hoarding thresholds. PEAH – Policies for Equitable Access to Health. https://www.peah.it/2024/11/enough-is-enough-and-more-is-too-much-between-basic-dignity-and-excess-hoarding-thresholds/

Autor. (2026). Cuba under economic siege: Evidence of the humanitarian and health consequences of United States coercive measures and arguments for an equity-based response. PEAH – Policies for Equitable Access to Health. https://www.peah.it/2026/09/16432/